Lavras, Minas Gerais. Junho de 2011
Ano XII – Edição n. 48

ACRÓPOLE

Órgão de Divulgação Cultural – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFLA
Internet: http://historiadelavras.blogspot.com
Editor: Geovani Németh-Torres *

CONSERVACIONISMO E CONSERVADORISMO

Um dos principais temas mundiais nas últimas décadas trata do conservacionismo, ou seja, da preservação do meio ambiente, dos recursos naturais, dos animais e das plantas. De fato, a proposta ambientalista chama cada vez mais a atenção da sociedade: está na moda ser "verde". É evidente que a temática conservacionista é importante. Os ecologistas constantemente nos alertam da necessidade de se utilizar corretamente os elementos da natureza, que o desenvolvimento para ser benéfico deve ser sustentável, e que o homem deve aprender a interagir com o meio ambiente para evitar calamidades futuras. Todos estes argumentos são válidos, e todos caminham para o mesmo fim: promover a prosperidade da humanidade.

Similar ao conservacionismo é o conservadorismo. A atitude conservadora, como salienta Russell Kirk, é mantida por um conjunto de sentimentos ao invés de um sistema de dogmas ideológicos. Assim, pode-se dizer que em essência o conservacionista é também um conservador, e vice-versa.

Vejamos o caso de Lavras. Todos nós já cruzamos o córrego fétido nas proximidades da entrada da UFLA que há décadas causa vergonha e desconforto às pessoas que passam pelo local. Estas águas, outrora límpidas e cuja paisagem bucólica atraiu os primeiros habitantes do arraial, poluíram-se devido a ação impensada e impune de nossos conterrâneos. O mesmo vale para o crescimento da cidade, cuja inexistência de um plano urbanístico racional (e os jornais dos anos 1920 já alertavam isso!) provocou caos e transtornos na locomoção urbana. Uma amostra dos malefícios da excessiva concentração populacional é que as ruas e calçadas já estão cheias, sendo difícil caminhar no centro sem esbarrar em alguém. Isso sem falar na imundice das ruas. No quesito estético, a situação também é triste: ano após ano vemos a demolição de prédios históricos belíssimos, substituídos por obras utilitárias de estilos arquitetônicos desarmônicos e insossos, que ilustram como mudanças inconseqüentes são danosas.

Porém não só a natureza e a urbe padecem destes sintomas. Com pesar, nota-se que a própria sociedade lavrense sofre com mudanças negativas ao longo do tempo. Um após outro, nossos costumes e tradições foram se perdendo, ao ponto de ser uma piada local chamar Lavras da "terra do já teve": onde estão nosso futebol, nosso Carnaval? O que foram dos concursos de beleza, do teatro, da música, dos desfiles cívicos, da Ponte do Funil, do trem de passageiros e do aeroporto? [Aventuro a dizer que esta queda ocorreu em muito por causa da desarticulação de entidades como a S.A.L. (Sociedade dos Amigos de Lavras) e S.O.L.C.A. (Sociedade Lavrense de Cultura Artística), ambas desaparecidas na década de 1960...].

"Ora" – diriam os progressistas – "as coisas mudam!"... Mas que coisa, que fatalidade! Nada podemos fazer, certo? Logo, resta aos conservacionistas/conservadores se acostumarem com a situação, pois é inútil reclamar do rio sujo, da natureza poluída ou da cidade caótica, feia e culturalmente monótona.

O argumento acima é falacioso, evidentemente. Nem toda mudança precisa ser revolucionária, e, em verdade, mudanças como estas, que rompem a organicidade da natureza e da sociedade, são bastante danosas. Em outras palavras, o revolucionário é aquele que em nome do progresso derruba as árvores; os conservadores as preservam, fazendo algumas podas, se preciso for, para o bem da planta.

Enfim, conservacionistas e conservadores possuem o mesmo sentimento, tendo apenas uma diferença marcante: os primeiros são muito mais articulados que os últimos. Após décadas de lutas, os conservacionistas já conquistam diversas vitórias – e a natureza agradece por isso. Infelizmente o mesmo não pode ser dito dos conservadores, esta verdadeira "maioria silenciosa" da população. Muitos destes sabem quais são os nossos problemas e formulam consigo as respectivas soluções, **mas quantos realmente fazem alguma coisa?** Se nada for feito... nada será feito! É o que lembra a máxima atribuída a Edmund Burke: "Para que o mal triunfe basta que os bons nada façam". Em suma, só há uma coisa pior que a apatia e inércia que testemunham a decadência de nossa sociedade – a certeza que, por nossa culpa, entregaremos um mundo pior do que aquele que recebemos.

---

* Bacharel em História pela Universidade Federal de São João del-Rei e graduando em Administração Pública pela Universidade Federal de Lavras.

ÁRVORE-MONUMENTO (BI MOREIRA)

O jornalista e museólogo Sílvio do Amaral Moreira é sempre lembrado como grande defensor e incentivador da cultura de Lavras. Além disso, pode-se dizer que Bi Moreira foi um dos primeiros ambientalistas lavrenses.

Nos anos 1970, quando da primeira fase do "Acrópole" (1975-1980), Bi dedicou nada menos do que seis edições – uma por ano – a temas ambientais.

Destes exemplares, lembramos dois artigos dedicados à árvore Tipuana na Praça Dr. Augusto Silva. Esta árvore, plantada há 102 anos, é um dos cartões postais mais famosos de Lavras e símbolo maior de nosso patrimônio natural. Ela foi também foi objeto de uma querela ambiental em 1979, quando duas grandes pedras representando um monumento à Lei de Deus foram colocadas muito próximas à Tipuana. Na época dizia-se que o local escolhido não fora apropriado, pois danificava as raízes podendo inclusive causar a morte da árvore. Em 1995 a praça foi reformada e na oportunidade as duas pedras foram retiradas, sendo substituídas por placas de acrílico colocadas em frente ao coreto.

No número 24 (set. 1979), o autor publicou uma poesia que escreveu em 1943, intitulada **Árvore Monumento**:

Diante de tua graça e beleza, tipuana,
Eu fico embevecido, e me inclino e me humilho,
Sentindo a Natureza, augusta, soberana,
Que em ti reflete seu poder, vigor e brilho!

À tua sombra sente a criatura humana
– Que do trabalho segue o árduo e incessante trilho –
Aquela mesma terna e doce paz que emana
Da mãe que abriga e beija e acalenta o filho!

Tua verde folhagem reflete a esperança,
Que vive n'alma e anima o humano coração,
Que nessa busca ou vão procura não se cansa!

E as flores, que te dão beleza e alacriadade,
Caem, ao sopro da brisa atapeando o chão
E espelhando de Deus a eterna majestade!

FILHO E PAI, MÃE E FILHA

O Jardim Municipal, primeiro nome da atual Praça Dr. Augusto Silva, foi inaugurado em 1908. Bi Moreira conta [Acrópole n. 28, set. 1980] que a Tipuana foi plantada pelo engenheiro responsável da obra, Bernardino Maceira, morador na rua D.ª Inácia onde tinha uma estufa anexa ao jardim de sua casa.

Tempos depois seria construída uma outra praça em Lavras, localizada nas imediações do Instituto Gammon. Trata-se da Praça Dr. Jorge, em homenagem ao Dr. José Jorge da Silva, que coincidentemente era o pai do Dr. Augusto José da Silva.

Curiosamente, há também uma Tipuana nesta segunda praça, que foi plantada a partir de uma semente colhida da árvore centenária. Esta inusitada situação "familiar" inspirou Bi Moreira a compor um soneto na primavera de 1980:

Tipuana II

Na praça principal eras semente:
Caíste ao chão e logo germinaste;
Mão moa e amiga, cuidadosamente,
Te transplantou e aqui te enraizaste.

Sob a materna copa, humildemente,
Durante uma estação te agasalhaste;
E agora és tu que, generosamente,
Redistribuis o bem que desfrutaste.

As duas praças lembras pai e filho.
E tu aqui e lá a genetriz,
Ambas servindo com bondade e brilho.

Seguindo o belo e maternal exemplo,
Doas abrigo ao povo que, feliz,
Procura a paz e a sombra deste templo!